

Série Arte Popular, Cultura e Poesia

Luciano Bezerra Gomes

Quase nada é novo



editora



redeunida

Coordenador Nacional da Rede Unida

Alcindo Antônio Ferla

Coordenação Editorial

Alcindo Antônio Ferla

Conselho Editorial

Alcindo Antônio Ferla

Adriane Pires Batiston

Emerson Elias Merhy

Izabella Matos

Ivana Barreto

João Henrique Lara do Amaral

João José Batista de Campos

Julio César Schweickardt

Laura Camargo Macruz Feuerwerker

Lisiane Böer Possa

Liliana Santos

Mara Lisiane dos Santos

Márcia Regina Cardoso Torres

Marco Akerman

Maria Luiza Jaeger

Maria Rocineide Ferreira da Silva

Ricardo Burg Ceccim

Rossana Baduy

Sueli Barrios

Túlio Franco

Vanderléia Laodete Pulga

Vera Lucia Kadjaoglianian

Vera Rocha

Comissão Executiva Editorial

Janaina Matheus Collar

João Beccon de Almeida Neto

Arte gráfica - Capa

Fragtensos

Kathleen da Cruz

Diagramação

Luciane de Almeida Collar

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Copyright © 2014 by Luciano Bezerra
Gomes.

DADOS INTERNACIONAIS PARA CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

G633q Gomes, Luciano Bezerra

Quase nada é novo / Luciano Bezerra Gomes. – 1.ed. – Porto Alegre : Rede UNIDA, 2014.

133 p. : il. – (Série Arte Popular, Cultura e Poesia)

ISBN 978-85-66659-25-2

1. Poesia. 2. Crônicas. 3. Literatura brasileira. I. Título. II. Série.

CDU: 869.0(81)-1

LC: PQ9697

Bibliotecária responsável: Jacira Gil Bernardes – CRB 10/463

Todos os direitos desta edição reservados à ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA REDE UNIDA
Rua São Manoel, nº 498 - CEP 90620-110 – Porto Alegre – RS
Fone: (51) 3391-1252 - www.redeunida.org.br

Série Arte Popular, Cultura e Poesia

Luciano Bezerra Gomes

Quase nada é novo

1ª Edição

Porto Alegre, 2014

Rede UNIDA



Sumário

Para começo de conversa.....	9
a presente ação.....	17
quase.....	18
não me escondo sob minhas carnes.....	19
meus enterros mais pomposos.....	20
tarde dessas.....	22
sem muito planejamento.....	23
vivemos sempre.....	25
queria descer ao rés da palavra.....	26
na invenção da vida.....	27
tem sempre um descompasso que transborda.....	28
meu descompasso não dá voltas.....	29
o século.....	31
para estruturar um verso.....	32
a vida.....	33
Arte do encontro.....	34
acinzenta os céus.....	35
às vezes me visita um canto de minhas infâncias.....	36
a vida é enquanto.....	37
emoção plena.....	38
para paulo leminski.....	39
Meu objetivo.....	40

não me venha com meridianos e latitudes.....	41
no tempo inexato.....	42
Os pássaros não sabem de si.....	43
Quisera eu ter.....	44
sempre mudar de vida.....	45
sobre a esperança.....	46
vim.....	47
a sola do meu peito.....	48
com as nuvens brinco de várias formas.....	49
às vezes.....	50
depois de quase.....	51
não deve ser fácil ser o silêncio de alguém.....	53
para clariice.....	54
hoje meu sertão anda agitado.....	56
questões de física médica.....	57
testemunho.....	58
Contato.....	59
crescer.....	61

do amor.....63

houve um tempo.....	64
Prelúdio.....	65
Livre.....	66
você parece que pensa.....	67
oi.....	69
você me poesia.....	70
meu quarto está imensamente.....	71
preciso aguitar as letras.....	72
mais um dia de chuva.....	73
Incertezas.....	74
Auto-exílio.....	75
Foi duro mas superei.....	76

quebra.....	77
minhas completudes são pouco abastadas.....	78
As sete faces de um poema sem nexos.....	79
para maiakóvski.....	81
Não nasci para muitos talentos.....	82
no exato instante em que alvoreci.....	83
as gavetas dos futuros.....	86
parar um pouco.....	88
pedaços.....	89
rasgar as roupas velhas.....	93
sujeito coletivo.....	94
sub-versões de vidro.....	95

as crônicas.....98

A rua a dormir.....	99
cabôca.....	101
escrevendo o mundo.....	102
sábado de manhã.....	103
há tempos.....	104
genial orgia da moral.....	105
Valor.....	106
Uma tarde na TV.....	107
um menino num semáforo.....	109
Aos bichos.....	110

dos poemas.....111

margiconcretropicanalha.....	112
hoje sai para caminhar.....	113
a poesia ou uma embolada... com zeca baleiro.....	114
Sobre o escrever.....	118
revoar rubro.....	119
meu poema não quebra uma porta.....	120

intensos.....121

indo te ver.....122

esta noite.....123

disse-me a poesia.....124

para paulo leminski.....125

19-07-01.....126

C. D. A.....127

na entressafra dos sonhos.....129

nas praias de ilhéus.....130

esperem um pouco.....131

Sobre o autor.....132

Para começo de conversa

Este livro nasce de uma decisão política.

Eu venho tentando escrever poemas há quase vinte anos. Não foram poucas as modificações na vida nesse período, e isso se expressa nos textos que fui elaborando.

Entretanto, uma característica mantive nesse tempo: a minha insistência na poesia é uma maneira de trabalhar em mim as afetações que o mundo nos produz. Não consigo escrever um verso se ele não for mobilizado pelos processos relacionais em que estou inserido. Não apenas nos aspectos íntimos, mas também nos sociais, visto que nos constituímos como dobras singulares do mundo, transversalizadas pelos fluxos mais distintos. Por isso, sempre pensei que tudo que eu venha a produzir na vida deve ser compartilhado.

Para ser mais exato, esta atitude de partilha foi uma construção, não uma determinação *a priori*. Nos primeiros anos, guardava meus textos a sete chaves, pois me sentia nu quando os lia, o que impedia que alguém tímido como eu os mostrasse a outros. Mas uma grande amiga estava passando por um determinado momento da vida que, a meu ver, tinha bastante conexão com um poema que estava mofando em minhas pastas. Fui à sua casa e, ao estender a mão com o texto para que ela lesse, tive em seguida uma das lições que



me fizeram reposicionar certas atitudes.

Esta amiga argumentou que eu era egoísta ao não compartilhar o que escrevia com as outras pessoas. Isso porque, segundo ela, o que acabara de ler fizera total sentido diante do contexto que vivia e a mobilizaria para enfrentar seus desafios, mas que ela não conseguiria expressar aquilo em palavras, e talvez tivesse mais dificuldade em lidar com suas afecções, sem o tal poema.

Depois disso, resolvi mostrar aos poucos os textos que escrevia, tendo o cuidado de fazê-lo apenas para pessoas mais próximas, escolhidas “a dedo”, e que sabia que não iam considerar ridículo uma pessoa com ainda tão pouca experiência de vida se “metendo a besta” para fazer poemas. Mesmo eu sabendo (pelo senso de autocritica que me acompanha) das muitas limitações e poucas qualidades de vários dos poemas, o retorno favorável desses amigos me fez vencer o receio de me desnudar ante os outros e passei a compartilhar meus textos.

Além de algumas exposições em espaços públicos, durante os anos da graduação em medicina, na Universidade Federal da Paraíba, foi no ano de 2003 que aproveitei para organizar meu primeiro “livro”. Já há alguns anos eu me habituara a lutar contra o papel em branco, tentando criar uma estética capaz de lidar com o que me afetava, processando isso na forma de versos. Nessa época, percebi que estava começando a modificar minha maneira de escrever, e vi que deixaria para trás os primeiros anos de exercícios. Entretanto, confesso que tive um apego, uma relação afetuosa com aquelas páginas riscadas que já me acompanhavam durante anos.





Sendo assim, resolvi me despedir dessa fase preparando um arquivo em formato digital onde incluí os textos que, em minha avaliação, mereciam ser publicizados. Tendo por título “Poesia Alguma ou a ordem dos fatores”, ele foi organizado no início de 2003, e tem o que eu consegui não rasgar nos primeiros anos de minhas tentativas de escritas; o que consegui não rasgar não por um critério de qualidade, mas de afetividade; por isso, é bastante heterogêneo, em temática e estilo. O próprio título era uma brincadeira com o primeiro livro de Carlos Drummond de Andrade. Eu dizia que o livro original de Drummond tinha, efetivamente, “alguma poesia”, já o meu, tinha “poesia alguma”.

A estratégia usada para compartilhá-lo foi simples: encaminhar para os amigos mais próximos, por meio de mensagem eletrônica, e autorizá-los a repassar para as pessoas que eles considerassem que poderiam aproveitar algo do que tinha ali. Como era de se esperar, ele não teve uma grande visibilidade, seja pela pouca densidade poética da maioria dos poemas, ou também pelo formato inadequado, numa época em que os leitores de livros digitais (se é que já existiam) ainda não faziam parte da vida dos seres humanos desse pedaço do mundo.

Como, na escrita, sempre tive um compromisso comigo e não em me tornar um autor de renome no mundo da literatura, a minha estratégia foi mantida ao longo dos anos: insistir em argamassar versos e, de tempos em tempos, compilá-los e compartilhar com os amigos. Foi assim que, nos anos seguintes, mais três arquivos digitais circularam pelas caixas de mensagem de algumas dezenas de amigos, os quais podem ter encaminhado para não sei quantas pessoas.



À medida em que insistia na poesia, acredito que fui elaborando um modo mais próximo do que eu pretendia alcançar em termos estéticos. Para isso, não só o esforço na escrita e reescrita foi fundamental, mas a leitura sistemática (por prazer e por estudo) de grandes poetas me foi, e continua sendo, essencial. Para dar uma breve ideia dessa trajetória, segue uma descrição sucinta das compilações de poemas posteriormente publicizadas.

O segundo “livro”, “transesãotransesons”, organizado no início de 2006, como se apreende de um dos sentidos que tentei brincar no título, representa uma transição em minhas preocupações poéticas à época. Traz uma preocupação inicial com a estética da palavra, que passou a ser mais forte em minhas tentativas posteriores.

No terceiro, que se chama “poesia menor” e foi organizado no início do ano 2008, tento avançar ainda mais em algumas desconstruções estéticas e outras reconstruções na minha trajetória.

O último, “meu poema é nosso”, organizei em 2012. Ele compilava minhas produções mais recentes, onde se viam as minhas maneiras de processar as afetações que a vida me tem levado desde que voltei a morar em João Pessoa, em 2008 (depois de alguns anos em Aracaju e Salvador), momento em que dei uma guinada profissional e pessoal em minha vida.

Entre estes “livros”, percebo uma busca constante de autoconstrução a partir da arte. Neles, eu me defino sem me delimitar precisamente a cada tentativa poética. Parece uma busca, sabidamente frustrada *a priori*, de me ir constituindo na parcialidade de cada pedaço por onde um poema novo me pega. Às vezes, eles me tomam pelo braço; em outras



ocasiões, me agarram pela perna, pelo cabelo, pelo estômago, e assim vão.

Neste sentido, tenho percebido que gosto cada vez mais dos meus “livros” mais recentes, em especial dos dois últimos, à medida que os primeiros vão ficando mais distantes em mim. Tenho com os antigos, em especial o primeiro, uma relação meio arqueológica, no sentido de que me vejo nele quase como um fóssil por onde eu mesmo me tento desenterrar. Certas percepções não me dizem mais respeito hoje, mas me constituem num processo. Quanto aos mais recentes, ainda tenho muitas relações vivas com eles. Não apenas isso, acho que, com o tempo, estou afinando minha voz para poder falar do modo como intento.

A insistência na estratégia artesanal de organização se baseou na persistente defesa da livre circulação de saberes e da arte. Sendo assim, de certo modo, eu me autopiratarieo e autorizo as demais pessoas a assim também o fazerem. Por isso, mesmo sendo instado por algumas pessoas ao longo dos anos, sempre resisti à ideia de publicá-los por alguma editora em formato impresso. Além de não querer uma caixa de livros estragando na garagem, nunca me animou a ideia de um lançamento com amigos bebendo vinho enquanto levavam o livro, por consideração, para ficar em suas casas, num canto da prateleira. Ante essa imagem, sempre preferi que as pessoas os deixassem “mofando” numa pasta qualquer no seu computador (já que este foi o destino mais comum que eles tiveram ao longo dos anos), pois assim, pelo menos, não se ampliaria o desmatamento.

Apenas com a possibilidade apresentada pela Editora Rede Unida foi que resolvi sair da circulação artesanal, pois



ela tem apostado na elaboração de bons projetos editoriais, mas com a política de disponibilização gratuita dos livros na internet. Isso iria remediar um dos problemas do acesso às minhas poesias: pelo menos, eu poderia compartilhar com os amigos arquivos com um ótimo aspecto visual e de manuseio facilitado.

Diante do impulso inicial de escrever uma série de textos novos para constituir um “quinto livro”, uma vez mais, fui atravessado pela relação de afeto que tenho com meus poemas. Ao olhar para eles, identifiquei conexões que alguns apresentavam entre si, mesmo que tivessem tantos anos separando os momentos de suas escritas. Ao mesmo tempo, percebia que, com outras lateralidades, dentro de uma nova organização, parte deles poderia dar, para mim mesmo, uma ideia mais geral do que já tentei formular poeticamente ao longo dos 18 anos que separam o mais antigo do mais recente texto presente no livro.

Por isso, acabei enviando para a editora um livro que tem apenas onze poemas “inéditos” (ou seja, que não constavam das organizações anteriores), e que foram todos escritos entre 2012 e 2014. Estes poemas compõem a seção “quase”, logo no início do livro. Os demais, que constituem a larga maioria, são uma seleção minha de textos que já circularam antes nas suas versões caseiras. Como aponta o título: quase nada é novo.

A maioria deles não apresenta sinais de pontuação ou diferenciação entre letras maiúsculas e minúsculas. Essa maneira de escrever optei em determinado momento de minhas elaborações. Para esta antologia, até fiquei tentado a rever os poemas anteriores a esta minha decisão, modificando-os para assumirem essa outra roupagem. Entretanto, senti



que não deveria alterá-los mais, pois passaria, através deles, a falsa impressão acerca de uma noção que não tive na época em que os elaborei. Então, chegam aqui da mesma maneira como estavam nos “livros” originais.

Essas palavras iniciais são, a meu ver, suficientes para explicar o modo como este livro chega ao mundo (virtual). Acredito que a poesia funciona à medida que afeta as pessoas. Espero que algo nestes poemas possa produzir afecções em quem os leia.

Não poderia concluir, entretanto, a introdução a este livro sem o agradecimento a pessoas que me foram fundamentais por todos esses anos em que procurei construir parte de mim mesmo a partir de versos. Muitas delas, nunca conheci pessoalmente, mas me são praticamente íntimas. Outras, continuam dentro de mim, mesmo que a vida nos tenha afastado do convívio cotidiano.

Agradecimentos:

à minha família, especialmente a Adriana;

ao Grupo Consciência Acadêmica, ao Coletivo Piracema, a todas as pessoas com quem trabalhei em Sergipe e na Bahia, aos meus companheiros das Universidades Federais da Paraíba, do Rio de Janeiro e do Rio Grande do Sul;

à minha amiga Kathleen da Cruz, que cedeu sua arte para ilustrar a capa deste livro;

à Associação Brasileira Rede UNIDA, por apostar na constituição de uma editora que democratiza o acesso a livros relevantes do setor saúde e, agora, também abre as portas para ofertas não apenas acadêmicas, mas também literárias;

em especial às obras dos seguintes poetas: Chico



Quase nada é novo



Buarque, Gonzaguinha, Cazusa, Paulo Leminski, Carlos Drummond de Andrade, Torquato Neto, Gilberto Gil, Chico César, Manuel Bandeira, Oswald de Andrade, João Guimarães Rosa, José Saramago, Albert Camus, Fiódor Dostoiévski, Manoel de Barros, Karl Marx, Gabriel Garcia Marquez, Pablo Neruda, Fernando Pessoa, João Cabral de Melo Neto, Graciliano Ramos, Jorge Amado, Ferreira Gullar, Fidel Castro, Ernesto Che Guevara, Caetano Veloso, Raul Seixas, Michel Foucault, Gilles Deleuze, Félix Guattari e Antonio Negri.

O autor – 2014.





a presente ação

não possuo muitas coisas na vida
quase nada
talvez apenas as minhas alergias
e um excesso de unha
que esqueci de cortar estes dias

o mais
está tudo compartilhado

por isto insisto
em escrever meus versos:
para continuar não possuindo nada
nem na memória do que fui
nem no registro do que vou sendo

e aqui lhe mando
mais uns rascunhos de poemas

toma pra você

ofereço-lhe
sem cerimônias
estes pedaços do que vi-vi

eles não são mais
meus

nunca foram mesmo

ainda bem



quase



não me escondi sob minhas carnes
minhas fraturas
são todas expostas



Quase nada é novo

meus enterros mais pomposos
eu os aproveitei bem pouco

nunca tive tempo para me comparecer
com a devida vênua
nestes momentos solenes

minhas intensidades estiveram mais focadas
nas partes menos deslumbrantes
de mim

o gozo do fechamento de um ciclo
o marco da passagem
a aposição da pedra final
o descerramento da placa
o corte da fita vermelha
o ritual do discurso
a derradeira pá de cal
constantemente me encontraram
já envolvido até o último fio de pensamento
nos desafortunos por vir
em meus próximos desencontros

até porque descobri cedo
que se alimentar dos próprios despojos
é a maior de nossas fatalidades

viver de ilusões é mais corriqueiro



talvez até mais simples
quicá menos doloroso

infelizmente
minhas forças nunca foram tamanhas
a ponto de se darem ao desfrute
de se esbaldarem nas minhas tentações

não por prudência
nem por sabedoria
menos ainda por um pretenso ascetismo

meus descaminhos e minhas esperanças
eu os coloco no colo
e os redesenho diuturnamente
quando moldo meus próprios horizontes
com estas inseguras mãos

e é lambendo os dedos ainda sujos de horizontes
que alimento este homem que venho sendo

por isso meus horizontes precisam estar
pequenos
maleáveis
friáveis
ao alcance da mão



Quase nada é novo

tarde dessas
o vento empinou a bunda para mim
mas eu só rocei a mão
quase com semquerência

é que meus estômagos
não se acercam bem com essas ariscadas
que nos prega o vento



sem muito planejamento
desocupe os espaços ociosos
dos meus poros

desde então
meus vazios
estão repletos de uma erradia noite

carinhosa
ela me tomou pela mão
e foi mostrar aos meus olhos suados
como os interstícios dos meus vazios
estão imbricados no tempo

resignado
rogo aos meus pés
aos meus ossos
peço às minhas frágeis carnes
que não me deixem ao rés do tempo
que me coloquem onde
que me levem ao quando
que me estilhacem no aquém

mas parece que esta noite
molhada
cheirando a taipa



Quase nada é novo

parece que esta noite fugidia
que se me entranhou nas vestes
nas fomes
que se enfiou embaixo das unhas

parece que esta noite
tomou posse de meus dedos
embrenhou-se em meus dentes
e pretende ficar aqui suspensa
até sair aos poucos
aos espasmos
na bile
na pele
na porra



vivemos sempre
em busca de si mesmo
da nossa pretensa essência

mas o si não está em

o si
se faz
a si



Quase nada é novo

queria descer ao rés da palavra
rasgá-la pela sola
e vê-la sangrar pacientemente
até sobrar apenas sua casca inerte

depois tomá-la-ia pela nuca
e a penetraria até que tivesse mais um filho bastardo
no mundo da desconexão
ente sons e sentidos

infelizmente
ainda tenho que desaprender muito
do que pensamos que somos
para tentar me iniciar na vida sexual das palavras

até porque uma palavra que o valha
não baixa a calcinha à toa
para o primeiro que passe por si acreditando-se poeta



na invenção da vida
limitemos nossos limites
potencializemos nossas potências



tem sempre um descompasso que transborda
da vida
fodida nascida crescida morrida

pedaço do braço
naco de coxa
resto de sexo
de moça
de macho
no cacho da fresta do porto

canto das costas
parte dos dedos rangendo
rastros de pelos nos olhos
feixes de pontes
nos peitos
dos moços
das bichas
das putas
fodidas nascidas crescidas morridas
paridas
paradas
piradas
na vida



meu descompasso não dá voltas
ele rebimboca minha parafernália
até eu me regurgitar para o avesso

regurgitar-se a si mesmo nem sempre é mamão com nutella
até porque esse meu descompasso nunca avisa quando dá
[seus reveses

e sempre me surpreendo com esses movimentos
pois ninguém sabe quantos avessos possui
e para onde eles nos levam

às vezes me pego por um avesso bem torto

em outros avessos me estarreço diante de tantas direitas
que nunca assumiria existirem nas minhas entranhas de
[aguerrido militante de esquerda

em certas ocasiões me desprezo da parede do sono
e já percebo que tem um avesso ativo quando piso no chão
e as pernas não bambeiam como dantes

descubro muitos de meus avessos no embate da vida com
[minhas filhas



Quase nada é novo



encarar um avesso frente à burocracia do estado parece ter
[a mesma relevância
que reconhecer outro avesso ao perceber um casulo vazio
[na grama

esses nossos avessos operam ao reposicionar outras
[dimensões de nossa vida

nossos avessos nos caleidoscopicam
com eles não distinguimos precisamente o externo do
[interno
e perdem sentido as margens estritas entre o certo e o
[errado

transvalorizamos efetivamente nossos valores
apenas quando nos embrenhamos deliberadamente
pelos nossos avessos





o século

as casas têm cercas elétricas
os carros são blindados
os bancos têm seguranças armados
as lojas monitoram as entradas
as cédulas são rastreadas
as esquinas têm câmeras
as ruas estão nas imagens de satélites
os becos têm viaturas
as relações sociais estão nas redes virtuais

o que ainda escapa dos controles
– sabe -se lá até quando –
é o olhar insubmisso
de uma criança

todas as disciplinas
ainda não sufocaram
o ameaçador olhar da criança
o desordenador olhar-se na criança

um dia
talvez
o século será da criança



para estruturar um verso
gosto da palavra amassada
esmurrada
cuspida e escarrada

da palavra arfando
arquejando
suada
vazada
sangrada

de tomá-la ofegante
com as pernas bambas
desidratada
quase sem vida

e sacando uma palavra nesse estado
procuo lavá-la com areia de riacho
e esperá-la secar no vento ao sol
para ver surgir este brilho fosco
este gume rombo
este sabor insípido
e todas suas texturas e aromas
com os quais eu me argamasso

a vida

Quase nada é novo



Arte do encontro

E quando mais a gente pensa
Que conhece gente o suficiente,
Chega uma diferente
E pergunta:
Posso entrar?

Aí, nossa vida se entorta
E abre-se mais uma porta.





acinzenta os céus
molha o chão chuva
amamenta a terra
alimenta os leitões
avoluma as fontes
umedece minha pele
encharca meu peito
inunda
afoga minhas insanidades
e me ilha.



Quase nada é novo

às vezes me visita um canto de minhas infâncias

infâncias tive muitas
sorteando o futuro nas várias noites catando estrelas

estrelas até que catei muitas
futuro é que eu fiquei devendo
para depois



a vida é enquanto

a vida é aquilo que acontece e se consome
enquanto estamos procurando
um sentido para a vida



Quase nada é novo



emoção plena
emana do concreto da arquibancada vazia
no abandonado teatro de arena



Luciano Bezerra Gomes



para paulo leminski

já sei o que quero
só me falta agora
saber chegar
onde evito
pois muitas vezes
o que não buscamos
é o que nos completa



Quase nada é novo



Meu objetivo

Meu objetivo:

Tomar a vida como um suco de ameixa

Para fazer barulhinho com o canudo

No final do copo

Enquanto vejo sumir no céu mais uma estrela

Cadente.





não me venha com meridianos e latitudes
eu sempre me referencio
por minhas próprias baixitudes



Quase nada é novo

no tempo inexato
extraí o abstrato
do concreto do meu quarto

e passei a ficar atento
a tentar delimitar
o justo espaço do meu não-lugar

para poder me reconhecer
na negação da negação
de minha contradição



Os pássaros não sabem de si

Os pássaros não sabem de si
E se soubessem, talvez não caberiam em si.

Se parassem para olhar para si
E se comparassem com a imensidão do céu
Que eles têm para voar,
Provavelmente sentir-se-iam impotentes – ínfimos
Seres, iludidos que o céu fosse deles –
E decidiriam parar de voar.

Ainda bem que eles não sabem de si.
Por isso, o céu continua sendo deles.



Quase nada é novo



Quisera eu ter

Quisera eu ter
A bela promiscuidade dos loucos

E viveria sempre nu
De corpo e de alma.





sempre mudar de vida
para não seguir carregando
uma muda de vida
numa vida muda



Quase nada é novo



sobre a esperança

para paulo leminski

certas vezes,
a esperança é uma merda!
ela nos dá esperanças demais...





vim

dar
boas

vin
das
à

vi
da

dei
vi

a
gem
per
di
da

a
vi
da
no
va

men
te
vi

ajou
es
tes

di
as



Quase nada é novo

a sola do meu peito
 já caminhou
 por muitos estragos
rolou por mundos
 a frio
falhou por valsas
 a fora
chorou por pedras
 à noite
remou por mortes
 a ruma
latiu por gramas
 à parte
e trançou por pares
 a tora

no trajeto
 fui recolhendo
 as cascas secas das bolhas
que me surgiam
 na sola do peito
e com elas
 mosaquei este vaso
em que agora
 guardo a aurora
e um pedaço
 da memória do vento



com as nuvens brinco de várias formas
convexo com algumas
outras eu mesmo recôncavo
até que até que elas parem
mas se eu me distraio um pouco
elas se escondem de novo
como uma gaivota ou um homem narigudo
e ficam assim
até o laranja se perceber azul-escuro



Quase nada é novo

às vezes
um osso róí

algumas
o pescoço dói

outras
um oco remói

enquanto segue

enquanto sigo

enquanto sendo

eu

esta carcaça

com um punhado
de vísceras

e um bocado
de desejos
e sonhos



depois de quase

depois de quase um dia
com uma leve enxaqueca
deu vontade
de falar pouco

lavei o rosto
olhei pro espelho
cocei a barba
e fui pra varanda
 apagar a luz
 deitar na rede
 ouvir o barulho da rua
 e deixar a mente livre

no meio do caminho
vi uns brinquedos
das minhas filhas
espalhados no chão
 uma boneca de pano
 um tapete de borracha
 um macarrão de espuma
 uma pá de plástico



Quase nada é novo

parei diante deles
e meu silêncio
foi tão intenso
que quase acordou minhas filhas

como elas não despertaram
reparei que alguém mais
respirava na sala

virei para o lado
e dei de cara com a vida
(ou era a morte
nunca sei precisar bem
o momento em que uma
deixa de ser a outra)

ví que ela me contemplava
sentada
serena
bem quieta

depois se levantou
espreguiçou-se
deu-me um boa noite
e se dirigiu à porta

acompanhei seus passos
saudei-a com um movimento da cabeça
e fui dormir



não deve ser fácil ser o silêncio de alguém

saber se aproximar no momento em que não o buscam
(o simples chamá-lo o afasta)
aproveitar um intervalo do pensamento
e ocupar todos os seus poros
reorientar os sentidos
e sensos

por isso respeitosamente
escovo os cabelos do meu silêncio
e saio com ele a passear

as buzinas dos autos falantes
os fogos
os fones
nada o desarruma hoje

com ele amplio meu desaprendimento
de mim e do mundo

meu silêncio me faz ver o mar ecoando em mim
me ensina como não contrariar o vento
e me mostra com quantos palmos se faz uma noite



Quase nada é novo



para clarice

chora, clarice
grita bem alto a tua fome
que este clamor é hoje
teu maior argumento

mama, clarice
suga do seio a tua vida
enche de vida o sentido
do seio

durma, clarice
repousa
descansa
que a caminhada é longa
e a alegria é pouca

mas, acima de tudo: sonha

sonha, clarice
que, como nunca, precisamos de sonhos
o mundo espera seus novos sonhadores





sonha muito
sonha alto
sonha grande
até que o sonho se torne
teu maior argumento



Quase nada é novo

hoje meu sertão anda agitado
e quando ele desanda a mexer assim desvairado
é um semi-árido só no meu peito
dum jeito que num tem enchente que encharque

nestes dias todo filé vira charque
a represa volta a ser barragem
a brisa se torna mormaço
e a galinha d'angola num passa dum mero capote

e assim vou consumindo o dia
até que me perco entre as juremas
e dou de cara com uma vaca pasteurizada
que me resgata para um mundo
em que a vida vem em gotas de colírio



questões de física médica

qual a densidade
de uma raiva? quanto pesam
dois metros de paixão?

que quantidade de emoção
é suficiente
para encher um peito?

(quando estoura uma caixa torácica
repleta de afeto?)

como se tampona
um coração dilacerado?

(depois da eletroencéfalo
do eco
da radio
e da tomo

quando
criarão

a sentimentografia?)



Quase nada é novo



testemunho

quando o sol deflorou a terra
deixou um buraco laranja

quase no meio da nuvem

enfiei meus olhos no mar
e fui saindo de fininho
para não repararem que eu espiava





Contato

Para Danielle Amaro Alencar Bezerra

Uma sensação me corroía
E eu não suportava mais
Não saber o que era

Estava ficando louco
Com aquele indescritível incômodo
De algo que faltava

Eu era um enfisematoso
Que morria sem oxigênio
Com o pulmão cheio de ar

Tinha tudo para estar feliz
E na verdade estava
A não ser por isto que não me deixava

Até que visitei uma amiga
E na entrada do edifício
Tive a leveza de descobrir o que sentia

Parei em frente ao jardim
Afastei as plantas



Quase nada é novo



E enfiei os dedos no chão até onde pude

Depois arranquei a pele do solo

E brinquei como criança suja

Matando as saudades da terra





crescer

para as minhas mulheres



minha esposa cresceu na praia do bessa

na época era um lugar de veraneio

os poucos moradores eram pagos para ocupar e zelar pelas

[casas ao longo do ano

ela gostava de ficar no mar morno vendo o sol

até a abóbada do céu ficar chamuscada de estrelas

apostava corridas com os cachorros na areia

roubava frutas nos quintais dos vizinhos

chorou e aprendeu as coisas boas da vida

enquanto via as ruas sendo cortadas e as casas

[ocupadas

hoje nós moramos no bessa

e ela vê nossas filhas brincando no seu pedaço de oceano



Quase nada é novo



o meu bessa fica bem longe daqui
a quinhentos quilômetros de distância do cheiro das águas
[salgadas]

saí para o mundo ainda bem moço
mas até hoje
de vez em quando
ao ver o dia raiando
é lá que eu teimo em acordar



minha mãe cresceu em outra época
e vivia a contar das coisas que fez
das enganações ao pai para ir às festas
das fugas da missa para namorar
das voltas nas ruas com as amigas
e muitas outras coisas de um sertão que se foi

muitas vezes ela disse
que se tivesse o dom
escreveria muitos livros:
“eu tenho é história pra contar!”

perdoa seu filho, mãe
eu só sei fazer poema

as histórias de uma vida não cabem no poema



do amor

Quase nada é novo



houve um tempo

houve um tempo em que eu não buscava o amor
eu apenas amava
e isto me bastava





Prelúdio

Eu quero te amanhecer
Com os olhos tesos
E assim te respingar
Em minha superfície toda

Trazendo aos sentidos
O que falo e o que dizes
De acordo com o que queiras
Extrair das minhas entranhas

Não te julgo nem me prendes
E só resquícios do que fomos restará
Depois de nos permitirmos
Ser o que virá e o que virei



Quase nada é novo



Livre

Só as almas pequenas burocratizam o amor
Exigem carimbo e duas vias em registro civil

Eu só quero viver o que vier sem aviso prévio
Namorar sem emitir contrato
Conversar sem marcar reunião
Tocar sem exame de corpo de delito
Beijar sem requisição por escrito

Hoje eu quero um amor sem assinaturas





você parece que pensa
com a testa

que olha com a testa

franze a testa para
viver
para sentir
para ser você

sua testa sustenta
suas máscaras

seus fluxos passam
pela sua testa
seu ch'i para e passa
e fica nela

talvez até mesmo você
goze com a testa

suas sobrancelhas
suportam o mundo

soltar a testa é
deixar cair as vestes



Quase nada é novo

suas mãos cabem na
sua testa
parece até que saem dela
assim também suas pernas
seus dedos, pescoço, peitos, bunda, joelhos, cotovelos,
[buceta, barriga, ombros
fluem dela e para ela

apenas sua nuca
escapa de sua testa

talvez por ficar escondidinha
abaixo da linha encaracolada do cabelo
por cima da omoplata

acho que sua nuca
é sua porta



oi

quando toco de leve sua pele com o olhar
sinto o cheiro de seus pensamentos

e com a língua quase implodindo
digo um bom-dia esquálido
meio desinteressado
meio querendo devorá-la





você me poesia

noite densa
tensa
intensa
que a gente pensa
que ficou lá

e ficou mesmo

mas ficou cá
aqui bem dentro
no centro
do peito
que ficou direito
e meio sem jeito
com o feito
desfeito
refeito

pois abriram-se portas
brechas
fenestras
e o que passou por elas veio vivo
e continua vindo
nas noites densas
tensas
intensas





meu quarto está imensamente
vazio.
minha rede,
torta,
esperando contrapeso.
apenas você sobra aqui
com toda a sua ausência.



Quase nada é novo



preciso açoitá-las
espancá-las
humilhá-las
até não mais insistirem em formar
teu nome.





mais um dia de chuva
tão cinza como outro qualquer,
mas o primeiro em que não estou pensando em você.

merda!
escrevi outro poema.





Incertezas

Não sei mensurar o quanto de você ainda há em mim
Se o que tive foi amor ou ilusão
Se o que sinto é saudade ou vício
Se nos respeitávamos como éramos ou nos acostumamos
[como somos]

Não sei se você me conquistou ou eu é que me entreguei
Se você me reprimia ou eu me anulava
Se novos interesses surgiram ou foi o tesão que passou
Se o valor do que vivemos está no que fomos ou no que
[poderíamos ter sido]

Não sei se eu desejava estar com você ou temia ficar só
Se o fruto do que plantamos ainda não nasceu ou já morreu
Se a última pétala era bem-me-quer ou mal-me-quer
E nem mesmo sei se o que busco é a liberdade ou uma nova
[prisão]





Auto-exílio

Durante um certo tempo tentarei
Cultuar o silêncio

Não falarei o que vejo
Pois sua imagem ainda presente em minhas retinas
Está anuviando meus olhares
E seu rosto aparece nos mais inesperados lugares

Não direi o que escuto
Porque a voz que ecoa em mim
Não é a de quem está ao meu lado
Mas a de quem um dia esteve

Não exporei a mais ninguém o que sinto
Até que consiga identificar
Em meio à solidão deste momento
A cura da tristeza que agora me habita

Enquanto isso me perdoem os que me amam
Pois por uns tempos não serei verdadeiramente eu
Mas a paródia de uma pessoa
Que luta para se desintoxicar de outra





Foi duro mas superei

E agora você está completamente fora da minha vida...

Não mais escreverei poemas para você

Não ligarei para sua casa

Não perguntarei mais nada às suas amigas

Não chorarei ouvindo músicas

Não entristecerei a cada lua cheia

Só terei outra recaída

Se você sorrir ao nos encontrarmos

E me abraçar espontaneamente

Ou se uma amiga sua disser que você ainda pensa em mim

Ou se tocarem Cazuza mais uma vez

Ou se a lua estiver realmente cheia

Ou se diante da caneta o papel tiver espaços em branco

Pois como já disse

Você está completamente fora da minha vida...

E inteira dentro de mim



quebra

minhas completudes são pouco abastadas
não destoo da estatura mediana
tenho carnes fracas
e um olhar de quem só se vê com os outros

nada mais

já os meus restos
estes não cabem numa caixa
numa casa
numa rua

eu me pertenço muito mais aos meus restos
do que às minhas entranhas e posses
é com eles que transfiguro
os mundos que carrego e construo



As sete faces de um poema sem nexo

Para Caetano Veloso

Não sei de nada
Não vim aqui para nada
Mas ao me ver por estas bandas
Estou procurando um sentido
(Se é que há. Se é que é um)
Para esta porra toda

A sujeira do tapete não tem significado
A do sapato diz aonde fui
A do lixão é o pão de muitos
A dos rios é o colesterol da terra
Cadê meu lexotan?

Eu me alimento
Por meus olhos
E meus ouvidos



Quase nada é novo

Minhas armas:

A voz

E uma caneta

Meus prazeres:

A arte

A luta

E a carne

Tudo que me anima

Pode me angustiar

Dependendo da dose

E o vento continua a soprar

Seus ensinamentos

Ao ar



para maiakóvski

o que me tornei não sei dizer
aprendi a me entender
não a me explicar

por partes

aos pedaços me exponho
nos fragmentos de mim que e s p a l h o
nas pessoas que me desencontram

não por acaso ando
parado deito e morro

estou indo amar
enquanto ainda posso não saber
o que faço

depois me organizo e ponho os livros todos em ordem
[alfabética
e arrumo gavetas e meias e cuecas segundo suas cores
até lá me resguardo o direito de não envergar a minha
[sanidade

sem tentar entender o motivo que me instiga
a me querer construir
em estrofes de três versos



Quase nada é novo

Não nasci para muitos talentos
nunca fui bom de bola
sou tímido com as mulheres
sempre precisei estudar bastante e mesmo assim esqueço
[muito do que leio
canto mal e toco vagabundamente um pandeiro e um violão
minhas habilidades manuais são ridículas
impossível consertar uma pia, algo no carro, na tv...
consigo não encontrar a manteiga dentro da geladeira
e nem eu aguento comer o que eu cozinhar

talvez eu só seja bom para fazer filhas
(aos 29 anos já ia em 3 meninas)
e para continuar insistindo
em argamassar o vento
e pulverizar o concreto



no exato instante em que alvoreci
saiu de minha relva uma fagulha de aço

não podia saber de que se tratava
pois estava ofuscado com o que ia descobrindo em meu
[estômago

só depois de algum tempo
de que não recordo precisamente a duração
passei a reparar naquela fagulha
que teimava em me apontar com seus dedos trêmulos
um lugar que eu não conseguia ver

no começo
achei que estava perdendo tempo
ao conversar com uma fagulha que não tinha motivos para
[estar ali
mas algo me fazia querer compreendê-la

aos poucos
atinei que ela não apontava para algo
mas estava era me mostrando seus dedos

depois que percebeu que eu entendi do que se tratava
ela abriu toda a mão delicadamente



Quase nada é novo

depois juntou as suas outras três mãos
me empenhou com firmeza
baixou a intensidade de sua luz
e sumiu

até hoje
não consigo parir a centelha que carregou
mesmo sabendo que ela continua aqui

às vezes ela se mexe e choro de emoção
(creio que toda boa mãe deve saber do que falo)

em outras ocasiões
o chute de minha centelhinha me remexe as entranhas
e parto para casa para tentar compreender o que se passa
[com ela

com o tempo
aprendi a conversar com ela
a fortalecê-la
a consolá-la
a nutri-la com minhas faíscas

no dia em que ela resolver sair
ficarei em momentâneo desespero
pois levará bem mais do que meu intestino junto



quando isso ocorrer
com todas as forças irei me empenhar
em achar outra fagulha safada
que me encha o útero com sua força

só espero que nunca me conforme
nem fique resmungando ao lembrar
que um dia já fui paridor de centelhas

não quero viver no futuro
olhando para minha inútil cicatriz





as gavetas dos futuros

I

um pedaço do que nunca serei
anda a habitar meus ombros

recolho este pedaço delicadamente
e guardo na gaveta dos futuros que não virão

chego mesmo a ter pena
destes restos sem devir
e os acaricio de quando em quando
retirando-lhes a poeira dos escombros

com eles aprendo a me perceber
a partir dos caminhos que a vida não me levou
e a me encontrar completamente
no que escolhi não me tornar





nem sempre estes pedaços do que nunca serei
se desprendem facilmente

parte deles tive que arrancar a dentadas

outros saíram deixando rastros de sangue

mas alguns dos que mais me constituíram
que me haviam entrelaçado por anos
caíram-me do corpo quase sem que eu percebesse



quando abro a gaveta dos futuros que não virão
gosto de separá-los
tendo a um lado os projetos de que eu desisti
e do outro os devires estagnados
por terem eles mesmo me abandonado

e a olhá-los assim
contemplo a gaveta contígua
a dos futuros que talvez ainda virão
tentando prescrutar o que neles acenaria
àqueles que um dia
terão algum passado em mim





parar um pouco

.....

olhar para o pouco

.....

poucar a vida de quando em vez

.....

desengrandecer os olhares

.....

desver as paradas

.....

de vez em vida





pedaços

para arnaldo antunes

tem um pedaço
em mim
que não para

melhor dizendo tem
uns pedaços
que não param

a cada
fala
eles se movem
mais
e no silêncio
viro
um turbilhão

esses
pedaços
não têm rosto
não têm braço
não têm osso
ou carne



Quase nada é novo

mas eles seguem se
movendo
e não adianta reclamar

esses pedaços
muitas vezes ficam
fluidos
outros quase gaseificam
trocam
partículas
e se re
compõem

os pedaços estão
em constante processo
de auto
produção

esses
pedaços
vouarrastando por aí
às vezes
eles
é que me carregam

cada pedaço
vive
a partir dos
encontros com



os outros
pedaços

nos movimentos
os pedaços fazem
ruídos

e o eco é
magmático

eles vão construindo
trajetórias
que se chocam
em minhas paredes
e alguns
deles quase
saem pelo
buraco
do ouvido mas
voltam

alguns pedaços emprenham poemas

já outros me
extravasam
e rompem a barreira
do sol



Quase nada é novo

esses
pedaços
me
constituem
mas
não
me
preenchem

nenhum
desses
pedaços
me
pertence

eu
não
sendo
esses
pedaços



rasgar as roupas velhas
que impedem a re-constituição
do novo a partir do velho

nunca dar ares de novo
a roupas velhas tingidas

vestir o novo com o novo
mesmo que precisemos deixá-lo nu
enquanto se constrói sua roupa





sujeito coletivo

para emerson elias merhy

compartilho minhas mortes
com todos que me povoam

depois recolho os pedaços
retraço os destroços
e exponho esta vida cubista
no funeral de meu renascimento





sub-versões de vidro

a vida é muito
certinha
nos livros de biologia

a gente
nasce
cresce
fode
se fode
e morre

mas por entre este
fluxo contínuo
continuamente
produzimos
várias sub-
versões
da vida

uma sub-
versão
é um pedaço
de vidro



Quase nada é novo

a cada vivência
intensa
se produzem
estes pedaços
tomamos estes
vidros
e guardamos
delicadamente
em tubos

estes vidros
apresentam diversas
cores

algumas vezes
são incolores

outras
insípidos
inodores

o que vamos
construindo
em nossas vidas
é um agrupamento
destas muitas sub-
versões



de vez em quando
procuramos
nos encontrar
dentro
de um dos tubos
e nos vemos
complexos
nos reflexos
dos pedaços de vidros
que vamos
carregando

viver é ser
caleidoscopista
de si mesmo



as crônicas



A rua a dormir

Três jovens a caminhar numa rua parada.
O barulho dos automóveis ao longe
Misturando-se ao rumor do vento nas folhas da velha
[agarouba.

Postes esparsos deixam intervalos sombrios de chão
Entre os reflexos concêntricos da iluminação pública.

Casas. Antenas.
Coruja na antena.
Gato no muro.
Rato no lixo.
Vento e automóvel.

Apenas a solidão da toalha estendida numa janela
Permeia esta rua já adormecida.

Ninguém a ver os que passaram.
Ninguém a olhar as estrelas.
Ninguém a ouvir o cachorro.
Ninguém a ousar.



Quase nada é novo



Só o bêbado que está a perambular
Quebra a liturgia:
Baixa o zíper na rua
E sorri feito criança
Urinando contente ao som da orquestra
De automóveis e vento.





cabôca

um bocado de bocais luminosos
abocanham a boca da noite

e lá na toca de taboca
da curiboca desbocada
o amor desemboca na boca



Quase nada é novo



escrevendo o mundo
virgulino não parava
até que lhe colocaram um ponto





sábado de manhã
uma senhora da idade da minha mãe
enxuga o suor debaixo dos seios antes de vestir-se
prende os seus longos cabelos brancos tementes a deus
calça as sandálias
beija os netos
deseja bom dia à vizinha
e vai fazer a feira

ela demonstra critério
olha com atenção
apalpa
cheira
resolve levar
e segue empurrando seu carrinho
de mão
entre os depósitos de lixo da rua em que moro



Quase nada é novo



há tempos

um jovem dentuço
de cabelos descoloridos
encostado a um poste
numa rua do centro da cidade
olha sem brilho para os que passam

parece crack
mas é só tristeza





genial orgia da moral

judeus recitam
as páginas por escrever
da genial orgia da moral
quando holocaustam palestinos
para manter a ata de assalto
da terra san(gren)ta





Valor

O filho de minha prima
Jogou uma porção de salgadinhos no asfalto
Porque queria comer era chocolate

Muitas vezes uma criança faz isso
E nada acontece
Ninguém percebe

Desta vez um minuto depois
Um ser humano de pele escura e um pouco enrugada
Abaixou-se e quieto começou a catar os salgados





Uma tarde na TV

Um canal mostra
Ao som de uma rumba contagiante
Uma professora de ginástica
Dando dicas de estética
E melhores técnicas
De exercícios abdominais

Noutro há um padre
Agradecendo os cartões e mensagens
Que lhe foram enviados
E diz que devemos reconhecer
Que projetos de Deus nós realizamos
E que projetos de Deus nós deixamos de realizar

Há o que faz uma reportagem sobre os alunos das escolas
Que conhecem o verdadeiro sentido da solidariedade
Participando do projeto Natal Sem Fome
E que contribuem
Para que pelo menos no natal
Milhares de pessoas se alimentem

Uma telenovela da América Central
Comanda as atenções e emoções
Dos que enveredam por outro canal



Quase nada é novo



Nesta tarde de televisão

Também tem aquele programa
Onde todos são jovens
Lindos loiros desportistas
Inteligentes e quase noruegueses
Discutindo futilidades com pose de filósofos

Por fim há aquele incêndio
Numa favela na zona norte de São Paulo
Que destruiu centenas de barracos
Entre eles o de uma senhora cega
Que enquanto tentava escapar do fogo
Tinha seus pertences roubados
Por seus companheiros de inferno





um menino num semáforo
vendia barras de doce

ele não me pediu dinheiro
vendia barras de doce

não me agrediu com um punhal
vendia meras barras de doce

ele não estava desmaiando de fome
apenas me oferecia barras de doce

não aparentava usar drogas
eram doces mesmo que vendia

mas seu olhar me falou de tanto sofrimento
em estar vendendo barras de doce
para quem o olhava mas não o via
que simplesmente o fitei
e carreguei o dia todo o sabor amargo
de ver uma criança num sinal
às oito da manhã
vendendo umas merdas de umas barras de doce





Aos bichos

Para Manuel Bandeira

É, Bandeira,
Bicho não é mais quem come lixo;
Isto já é comum.

Bicho somos todos nós
Que não nos indignamos mais.

Apenas aquela velha senhora
Que mora no apartamento de baixo
Ainda é gente:
Vez por outra,
Coloca entre as latas
Uma fruta fresca ou biscoitos recheados,
Meio por acaso,
Para distrair a consciência.



dos poemas



margiconcretropicanaalha

para torquato neto

não instrumentalizo versos

espremo um caroço que inflama no rosto
ou no peito
ou no pau
e me livro
de um troço
um trambolho
que retoco
e repasso

outras vezes pego dum tronco de nuvem
uma lasca de pedra
e fabrico um palmo de luz e susto
para pôr num vaso de sonhos





hoje saí para caminhar
e não levei
chave
relógio
telefone
bolsa
documentos
dinheiro

no calçadão da praia de atalaia
passeava sobre minha vida
era eu apenas
e **respirava** poesia

(senti apenas não ter levado
caneta e papel
pois cheguei em casa
e só me saiu escrito isto)





a poesia

ou uma embolada...

com zeca baleiro

a poesia
atravessa
a praça da alimentação e
pede
um croissant
num fast-food

a poesia
ultrapassa
o concreto e se
aloja
entre as duas faces
da fitinha do senhor do bonfim da bahia

a poesia
se
espreme
entre as bucetas no puteiro e



extravasa

no tampax
da mocinha de família

a poesia

dança

lambada
no bar do reggae

a poesia

come

hóstia
com conhaque e

limpa

os beiços
na toalha da mesa

a poesia

escorre

da ferida aberta
da perna do mendigo e

vaza

do olhar de quem

tem

o buxo vazio

a poesia

ocupa

terra improdutiva e

Quase nada é novo

vai
defender

a legalização
do aborto
na parada do orgulho

g
l
b
t

a poesia
rebola

em qualquer esquina e

para

para
toda buzina

a poesia
cospe

na cara e

mija

no prato de quem a


comeu

a poesia

só

faz

o que



gosta
e
manda
todo o resto
pra putaqueopariu

a poesia
troca
socos e pontapés para
agarrar
o buquê da noiva

a poesia
decide
parar
de vez em quando
e só por capricho
desfazer
tudo que
disseram
que deus
fez

a poesia
engole
o
para
-quedas e

voa





Sobre o escrever

Quer o poeta realmente ser compreendido?
Então escreva um tratado
E deixe a poesia para os loucos

—

O ser do poeta simplesmente se desnuda
Nos versos que escreve
E nada é inteligível quando optamos
Em assumir radicalmente
Nosso lado humano

—

Os homens que mudaram o mundo
Nos trouxeram conceitos e máquinas
E os cientistas e industriais os certificaram

Os homens que mudaram os homens
Nos propuseram perguntas e reflexões
E os filósofos e teólogos os respaldaram

Já os poetas apenas se mostram como são
E como veem o mundo em que estão
Pois que os psicanalistas e sociólogos
Nos tentem explicar





revoar rubro

queria não precisar de poemas
a vida em si ser poética
deveria ser o suficiente

mas esse desconforto do poema não germinado
insiste em me ocupar o corpo

então engulo sacos de açúcar
horas antes de cortar os pulsos
só para ver o revoar rubro dos beija-flores



Quase nada é novo

meu poema não quebra uma porta

não afasta assaltante

não rasga o teto com um piscar de dedos

meu poema não elege candidatos

não manipula a opinião pública

não expulsa o banco mundial e o efe-eme-i

meu poema não rompe a barreira do sol

não fica dez anos com o braço levantado

não despolui os rios

meu poema não enche as marginais do tietê

não toca no disco do caetano

não obtura dentes

meu poema não alcança uma lágrima de quem o lê

não passa por academias

não sai no noticiário

meu poema é pobre

sujo

mirrado

ele gira sobre si mesmo e tonto sobe a escada que puxa de sua manga esfarrapada depois se joga ladeira abaixo para escorregar nas rampas estilhaçadas das ruas enlameadas e bebe as águas podres que escorrem pelos bueiros antes de deitar na cama e ficar a noite toda remoendo suas flores

a sua maior tristeza é não conseguir arrancar de si suas flores

intensos

Quase nada é novo

indo te ver
esqueci o livro e trouxe o lápis
a poesia quis vir viva



esta noite
ao subir
o morro

o policial
colocou uma
rosa
na lapela

sacou uma
flauta e
foi tocar
chorinho



Quase nada é novo



disse-me a poesia:

“acorda aí, porra!”

e vim sonhar no papel





para paulo leminski

quando tudo se apresenta
sem sentido,
fecho os olhos
para melhor afinar os ouvidos;

posso continuar não entendendo,
mas o som fica bem mais bonito...



Quase nada é novo



19-07-01

Hoje foi um dia maravilhoso:
Eu mizei nas pedras furadas
Da Praia de Tabatinga.





C. D. A.

Ainda ontem,
Senti saudades de Carlos Drummond de Andrade.

Até que ele me disse: cale a boca, rapaz,
E vai viver a sua vida.



Quase nada é novo



Uma pétala
caiu da sua pele
e se flôï





na entressafra dos sonhos,
deságue como puder;
no semiárido,
é sempre bem vinda a chuva.



Quase nada é novo



nas praias de ilhéus

desde moço
entre um bar
e o mar

e
s
r
e
m
i
a
-
s
e

aquele velho coqueiro

até esta tarde
quando ele se sentou naquela mesa do bar
e veio afogar suas águas





esperem um pouco
vou viver
depois eu volto



Sobre o autor

Luciano Bezerra Gomes nasceu no ano de 1979, em Cajazeiras, cidade do alto sertão da Paraíba, onde morou até os 15 anos de idade. Foi para João Pessoa, capital paraibana, onde realizou seus estudos até a graduação em medicina e residência médica em medicina preventiva e social.

Nos anos de 2005 e 2006, morou em Aracaju, onde trabalhou como médico, professor e gestor público na secretaria de saúde daquela cidade. Em 2007, morou em Salvador, trabalhando na gestão estadual da saúde da Bahia.

Em 2008, retorna para João Pessoa, onde após rápida passagem pela secretaria municipal de saúde, ingressa como professor na mesma instituição em que se formara, Universidade Federal da Paraíba, estando lotado no Departamento de Promoção da Saúde do Centro de Ciências Médicas. Desde então, tem se dedicado profissionalmente ao ensino e pesquisa na saúde, além de sua atuação como militante em entidades e movimentos sociais de esquerda.

Tem colaborado em projetos governamentais em âmbitos municipais, estaduais ou federal que, a seu ver, avançam na defesa de uma saúde pública, gratuita, de qualidade e democrática.

Na Universidade Federal do Rio de Janeiro, desde o ano de 2007 está vinculado à linha de pesquisa Micropolítica do Trabalho e o Cuidado em Saúde, onde desenvolve pesquisas



e, sob orientação de Emerson Elias Merhy, realizou curso de mestrado e doutorado (em andamento).

Além de algumas publicações acadêmicas, organizou quatro coletâneas com seus poemas, que circularam informalmente em redes sociais e entre seus contatos (vide seção “para começo de conversa”, no início desse livro). Este é seu primeiro livro de poesias publicado por uma editora.

É casado com Adriana e pai de três filhas: Clarice, Luiza e Júlia.





Publicações da Editora Rede UNIDA

Coleções e Série

Arte Popular, Cultura e Poesia

Clássicos da Saúde Coletiva

Micropolítica do Trabalho e o Cuidado em Saúde

Outras publicações

“Bulindo” com a Universidade - Um estudo sobre o trote na medicina

Girando Vida, Políticas e Existências: reunindo experiências com leveza e movimento - Construção do 11º Congresso Internacional da Rede UNIDA

Evidencias y Narrativas - Una perspectiva antropológica.

Cardenos Saúde Coletiva

editora



redeunida